

URBANISMO RURAL, PLANEJAMENTO REGIONAL E CASA RURAL:

consolidação de redes transnacionais do planejamento
através da revista *Nuestra Arquitectura*

EIXO TEMÁTICO 01: Trajetórias, Institucionalização e Circulação de Ideias no Urbanismo

SANTOS, Rafael de Souza

Graduando em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo - USP

rafael_szantos@usp.br

ARAVECCHIA-BOTAS, Nilce Cristina

Doutora em Arquitetura e Urbanismo; Docente na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e de Design da Universidade de São Paulo - USP

nilcearavecchia@usp.br

RESUMO

A fragilização das relações rural-urbanas no plano territorial constitui uma realidade na América Latina, moldada pelos sedimentos da modernização desigual e pelo subdesenvolvimento. De maneira paralela, a institucionalização do campo disciplinar de planejamento urbano e regional na América Latina foi um processo construído através de circulações transnacionais, com participação especial daqueles eventos, congressos e instituições desenvolvidas no âmbito da união “panamericana” e da “fraternidade continental”. Em fases posteriores de desenvolvimentismo na América Latina, as instituições de cooperação interamericana tomaram frente de muitas das experimentações e circulações de saberes acerca do planejamento territorial e da habitação, como é o caso do *Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento* (CINVA). Nesse contexto, a revista argentina *Nuestra Arquitectura* oferece ferramentas para a interpretação dessa íntegra rede transnacional de saberes acerca de fundamentos do planejamento urbano e regional que podem ser categorizadas como genealógicas do CINVA, além de destacar-se como epicentro de debates sobre a moradia popular, a industrialização da construção civil e demais temas relevantes na arquitetura e cidade da América do século XX. Os desenlaces dessa revista confirmam trajetórias pessoais e profissionais de arquitetos, engenheiros, planejadores e grupos técnicos empenhados em contribuir para o fortalecimento de um meio técnico ainda frágil. A partir da análise de alguns dos dados obtidos no desenvolvimento da iniciação científica que antecede esse trabalho, o trabalho pretende reafirmar a posição da revista como fonte privilegiada de pesquisa, tanto através de seus artigos e projetos, como também no cruzamento de ideias e personalidades, impressos nessa produção editorial.

Palavras-chave: América Latina; Planejamento regional; Habitação Social; *Nuestra Arquitectura*.

PENSAR FORA DO EIXO

ABSTRACT

The weakening of rural–urban relations at the territorial scale constitutes a reality in Latin America, shaped by the sedimentation of uneven modernization and underdevelopment. Concurrently, the institutionalization of the disciplinary field of urban and regional planning in Latin America was a process built through transnational circulations, with the significant participation of events, congresses, and institutions developed within the framework of the Pan-American Union and the ideal of "continental fraternity." In later phases of Latin American developmentalism, inter-American cooperation institutions assumed a leading role in many of the experiments and circulations of knowledge concerning territorial planning and housing, as exemplified by the Inter-American Housing and Planning Center (CINVA). Within this context, the Argentine journal *Nuestra Arquitectura* provides valuable tools for interpreting this comprehensive transnational network of knowledge concerning the foundations of urban and regional planning, whose antecedents may be understood as genealogical to CINVA. At the same time, the journal emerged as a central forum for debates on social housing, the industrialization of building construction, and other relevant issues concerning twentieth-century architecture and the city in America. The outcomes reflected in the journal confirm the personal and professional trajectories of architects, engineers, planners, and technical groups committed to strengthening a still fragile technical milieu. Based on the analysis of part of the quantitative and qualitative data produced during the undergraduate research project that preceded this study, this article seeks to reaffirm the journal's position as a privileged research source, not only through its published articles and projects but also through the intersections of ideas and personalities revealed in its editorial production.

Keywords: Latin America; Regional Planning; Social Housing; *Nuestra Arquitectura*.

RESUMEN

La fragilización de las relaciones rural-urbanas territorialmente constituye una realidad en América Latina, configurada por la sedimentación de la modernización desigual y el subdesarrollo. Paralelamente, la institucionalización del campo disciplinar de la planificación urbana y regional en América Latina fue un proceso construido mediante circulaciones transnacionales, con especial participación de eventos, congresos e instituciones desarrollados en el marco de la Unión Panamericana y del ideal de la "fraternidad continental". En etapas posteriores del desarrollismo latinoamericano, las instituciones de cooperación interamericana asumieron un papel protagónico en las experiencias y circulaciones de saberes sobre la planificación territorial y la vivienda, como ocurrió con el Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento (CINVA). En este contexto, la revista argentina *Nuestra Arquitectura* ofrece herramientas para interpretar esta amplia red transnacional de saberes sobre los fundamentos de la planificación urbana y regional, cuyos antecedentes pueden entenderse como parte de la genealogía del CINVA. Asimismo, la revista se consolidó como un espacio central para los debates sobre la vivienda popular, la industrialización de la construcción y otros temas relevantes de la arquitectura y la ciudad americana del siglo XX. Los desenlaces reflejados en la revista confirman las trayectorias personales y profesionales de arquitectos, ingenieros, planificadores y grupos técnicos comprometidos con el fortalecimiento de un medio técnico aún frágil. A partir del análisis de algunos de los datos obtenidos durante la investigación de iniciación científica que precede este trabajo, el artículo reafirma la posición de la revista como una fuente privilegiada de investigación, tanto por sus artículos y proyectos publicados como por el cruce de ideas y personalidades presente en su producción editorial.

Palabras clave: América Latina; Planificación regional; Vivienda social; *Nuestra Arquitectura*.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é sugerir uma interpretação sobre as relações entre as categorias de campo e de cidade, no âmbito do urbanismo, do planejamento e da habitação na América Latina. A fonte documental considerada para esse intento é a revista especializada *Nuestra Arquitectura* editada na Argentina entre 1929 e 1985, e mais especificamente os números publicados no período entre 1929 e 1955, quando esteve sob a direção de Walter Hylton Scott, seu fundador. O levantamento panorâmico dessas edições, com a classificação de temas, autores e projetos, é o objeto da pesquisa “*Nuestra Arquitectura e a Habitação Social na América Latina*”, que investiga a relação campo-cidade na produção de habitação na Argentina em meados do século XX.

De um ponto de vista metodológico, o trabalho se insere em um circuito historiográfico que pretende enfatizar conexões, fluxos e interações na América Latina, para além das fronteiras nacionais. Adotando como principais documentos os artigos e as publicações da revista, pretende-se identificar trajetórias cruzadas na consolidação do campo disciplinar do urbanismo e sua relação com temas que ganhariam cada vez mais destaque na institucionalização do planejamento regional, buscando suas genealogias¹ e identificando suas dinâmicas transnacionais². O objetivo é dialogar com pesquisas recentes³, como a que busca reconstituir a trajetória do *Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento* (CINVA) em Bogotá, Colômbia, de 1951 a 1972.

Nesse contexto, a análise dos dados obtidos nas atividades de sistematização da produção editorial da *NA*⁴ emerge como um potencial caminho de investigação histórica acerca, não apenas da produção de habitação popular na Argentina, como também das trajetórias do pensamento urbanístico no meio técnico local. Além disso, os intercâmbios, que identificamos na análise sistemática do periódico em questão, reafirmam a existência de diálogos e discussões em um campo efervescente entre os anos de 1930 e 1955.

¹ O pensamento genealógico presente na segunda fase da obra de Foucault desenha um tipo de investigação histórica pautada pela análise das descontinuidades históricas e das condições de emergência dos discursos e práticas sociais, opondo-se às investigações históricas que buscam origens puras (Foucault, 1979);

² A metodologia de uma história transnacional refere-se ao viés metodológico sugerido inicialmente por autores como Ian Tyerrel e Akira Iriye, e sistematizado por Barbara Weinstein (Weinstein, 2015), que o relacionou ao conceito de “zona de contato”, formulado por Mary Louise Pratt (Pratt, 1999), ao identificar encontros e interações culturais marcados por hierarquias de poder;

³ Este trabalho está vinculado ao grupo Cultura, arquitetura e cidade na América Latina - CACAL, mais especificamente ao projeto *Investigación CINVA*, coordenado por Ana P. Montoya Pino no IEU-UNAL, na Colômbia, e Nilce Aravecchia na FAU-USP, no Brasil (Pino, Ramírez e Aravecchia Botas, 2024). Pontua-se ainda diálogos com trabalhos de pesquisadores como Fernando Atique, Leandro Benmergui e Rafael Soares Gonçalves, Leonardo Novo e Amy C. Offner, entre outros;

⁴ A partir daqui se referirá à revista *Nuestra Arquitectura* como *NA*.

PENSAR FORA DO EIXO

Como recorte documental mais específico, propõe-se aqui a organização de artigos da revista que tratam os temas do planejamento regional com maior proximidade, notando recorrências desses debates e seus atravessamentos a um tempo histórico, político e socioeconômico da Argentina em relação aos demais países latino-americanos. Considerando a produção editorial de maneira mais abrangente, esta reflexão foca nos artigos que inauguraram debates mais específicos sobre o planejamento regional, e como episódio representativo dessa discussão, destaca o segundo artigo publicado pelo grupo de arquitetos argentinos Austral. Na publicação, o coletivo mobilizou as ideias de planejamento sistematizadas e difundidas por Le Corbusier em um território rural, incorporando as discussões contemporâneas, problematizando a ideia de região e incluindo experimentações projetuais de casas rurais.

CAMPO E CIDADE NO PENSAMENTO URBANÍSTICO DA AMÉRICA LATINA

A formalização do urbanismo como disciplina em interface com o campo disciplinar da arquitetura por meio do ensino na América Latina foi um processo ancorado em circuito global de ideias, manifestadas em eventos, congressos, seminários, publicações e periódicos especializados no continente⁵. A notoriedade desses fóruns de discussão teve como paradigma a realização dos Congressos Pan-Americanos de Arquitetos, desde 1920 até 1950. Estudos mais aprofundados nesses eventos fazem frente à extensa historiografia que deu destaque aos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (CIAM), e seu papel nos movimentos da emergente vanguarda modernista nos anos de 1920 e 1930⁶. Assim, entende-se a importância que os Congressos Pan-Americanos de Arquitetos tiveram ao associarem o interesse inicial de regulamentar e defender a classe profissional de arquitetos com as necessidades de estabelecimento do ensino de urbanismo nas Escolas de Arquitetura (Atique, 2010, p. 50-53). As discussões do urbanismo, entretanto, estiveram intrinsecamente relacionadas na América Latina, ao diálogo com a produção intelectual de um norte global⁷, com foco mais imediato nas realidades de mundos urbanos em expansão, que experienciavam simultaneamente o agravamento de

⁵ Aqui em muito se referencia o trabalho *Olhares cruzados: visões do urbanismo moderno na América do Sul, 1930-1960*, dos autores Marco Aurélio Filgueiras Gomes e José Carlos Huapaya Espinoza, além da coletânea intitulada *Urbanismo na América do Sul: circulação das ideias e constituição do campo*, organizada por Gomes. (Gomes e Espinoza, 2009);

⁶ Nesse sentido, os trabalhos de Leonardo Novo e Fernando Atique trazem maior profundidade ao estudo dos Congressos Pan-Americanos de Arquitetos, aqui instrumentalizados. (Atique, 2010 op. Cit., e Novo, 2023, op. Cit.).

⁷ Em adição à contribuição de Fernando Atique no estudo do pan-americanismo e suas relações com a realização dos Congressos Pan-Americanos de Arquitetos, utiliza-se o referencial das circulações observáveis entre a América Latina e o norte global, através de uma rede triangular América Latina - Europa - Estados Unidos, como pontuado no terceiro capítulo do livro *Estado, Arquitetura e Desenvolvimento* (AravecchiaBotas, 2016, p. 105-158);

PENSAR FORA DO EIXO

dinâmicas populacionais e o crescimento das cidades. Como aponta o arquiteto e historiador argentino Adrián Gorelik, da ênfase nessa dinâmica emerge a noção de “cidade latino-americana”, e a América Latina como região privilegiada para a mudança, posicionando o continente num campo de experimentação da hipótese modernista, incorporando-o, desde a raiz, à modernidade ocidental. (Gorelik, 2005, p. 113). A construção social e cultural da ideia de que a cidade latino-americana estaria condenada ao moderno⁸, a coloca em posição privilegiada de experimentação no campo do urbanismo, dos modos de fazer cidade às discussões sobre o espaço urbano. Importa mencionar essa discussão, ainda que a construção do campo do urbanismo na América Latina, em suas ambiguidades e contradições, não seja o objetivo principal deste trabalho.

Do urbanismo embelezador de cidades ao urbanismo da vanguarda modernista, a produção de cidade na América Latina no início do século XX foi marcada por um raciocínio que privilegiou perímetros circunscritos, restritos a áreas de recorte bem preciso - como os centros urbanos, ou a planos de conjunto que envolviam perímetros urbanos e sua expansão imediata. Ao mesmo tempo, como as próprias discussões inaugurais do I Congresso Pan-Americano de Arquitetos ocorrido em Montevideu, em 1920, confirmam, há uma ambiguidade⁹ na justaposição da temática de “Transformação, desenvolvimento e embelezamento da cidade de tipo predominante na América” às discussões específicas da arquitetura residencial, onde a busca por otimização e racionalização era vista como forma de baratear casas urbanas e rurais (Atique, 2010, p.62). Assim, o urbanismo se confirma como disciplina por vezes apartada das novas realidades do urbano em expansão, imersa em uma visão ambígua que de um lado critica a cidade e de outro confirma a ciência urbanística através de métodos que circundam o território das cidades sem extravasar seus limites. No curso desses acontecimentos, o campo disciplinar da arquitetura e do urbanismo, sobretudo em um momento inicial, constrói a primazia do urbano. Entretanto, a questão rural-urbana esteve latente no problema da habitação da América Latina em meados do século XX: os assim chamados subúrbios – termo então utilizado para designar as fronteiras entre os mundos rural e urbano – estavam colados aos imaginários da sociedade rural, e a tarefa de extravasar os limites da cidade tornou-se um material a ser explorado pelas ciências sociais com maior afinco.

⁸ Assim como o crítico de arte Mário Pedrosa aponta em sua visão otimista da ideia de América como continente novo, sem história – a América representaria um laboratório de experimentação social e política, um continente “condenado ao moderno”. (Gorelik, A., 2005, p.113);

⁹ Há, em um momento inicial da institucionalização do urbanismo na América Latina, uma mistura de diferentes visões acerca do urbanismo, semelhante à maneira como Françoise Choay utiliza ao se referir à oposição entre os modelos culturalistas e progressistas dentro do cenário das cidades industriais na Europa desde meados do século XIX. (Choay, 2005, p. 7-29).

PENSAR FORA DO EIXO

Esse tema foi explorado por Rosa Aboy, em seu trabalho "*Arquitecturas de la vida doméstica. Familia y vivienda en Buenos Aires, 1914-1960*". Ao olhar um recorte do cenário habitacional argentino através do espaço doméstico e da organização familiar, a autora observa as incorporações dos modos de vida do campo nas domesticidades precárias das classes trabalhadoras urbanas da cidade portenha. A cidade, atravessada por um acelerado processo de expansão demográfica em descompasso com a produção do espaço urbano, tem a persistência das práticas coletivas de morar como traço das desigualdades territoriais impressas na cidade de Buenos Aires do início do século (Aboy, 2008). O imaginário social que, portanto, pairava sobre as moradias dos pobres urbanos refletiam a adequação dos processos de migração rural e dos modos de vida coletivizados do campo através da organização e setorização da moradia desses trabalhadores na cidade.

Pensar, sobretudo, o urbanismo para além da escala da cidade, pela relação estabelecida entre seus conjuntos, foi uma tarefa que se corporificou das mais diversas formas, através de pensadores¹⁰ como Ebenezer Howard, e seu ideal de cidade-jardim. Situado no circuito do pensamento social inglês, as reverberações dos modos de fazer cidade aliados a ideais da engenharia sanitária e do higienismo foram muitas, e nem sempre as mais adequadas ao território local. Em termos de uma historiografia crítica, Raymond Williams tornou-se referência inescapável ao fazer um longo percurso sobre as categorias de campo e cidade ao longo da história e da literatura. Seu *The country and the city* (2011 [1973]), também com foco na Inglaterra que gestou a Revolução Industrial, enfatizou as nuances, as sobreposições e as ambiguidades de operações ideológicas que mobilizaram campo e cidade para reproduzir culturalmente a divisão social do trabalho, evidenciando os movimentos do capitalismo que não ficaram restritos ao contexto inglês.

As ferramentas urbanísticas, por sua vez, foram acompanhadas de ideais arquitetônicos dos mais diversos, conforme afirma a arquiteta e pesquisadora argentina Anahí Ballent. Para a autora, que também deu enfoque à produção habitacional do peronismo na Argentina, a expressão arquitetônica da casa-de-veraneio e de fim-de-semana simbolizou uma busca pela fusão do campo com a cidade, tão presente no pensamento das cidades-jardim. Assim, a contraposição e dicotomia dessas categorias foram vistas como benéficas, e, no seu equilíbrio se encontraria a harmonia entre o caos urbano e o retiro bucólico. (Ballent, 2005, p. 105). Essas fraturas experienciadas nos limites do

¹⁰ Pode-se citar aqui também as contribuições de Lewis Mumford, Thomas Lynn Smith e Oscar Lewis nos antecedentes dos enfoques sobre as categorias rural-urbano nas ciências sociais. Ainda assim, fora das contribuições no plano das ciências sociais, o plano de fundo que subsidia a atuação de arquitetos do Movimento Moderno como Le Corbusier e Walter Gropius também é marcado por distintas visões sobre a dimensão parasitária da cidade sobre o campo. A exemplo dessa relação, Walter Gropius já afirmava: "O objetivo do urbanista deve ser o de criar entre a cidade e o campo um contato cada vez mais estreito" (Choay, 2005, p. 22).

PENSAR FORA DO EIXO

campo e da cidade, conforme observado, alertam sobre a necessidade de aprofundar em interpretações que questionem a dicotomia ideológica que orbita essas categorias. Pretende-se assim identificar as pistas do que mais adiante seria a consolidação de um conceito, mais adequado ao diálogo de ambas as categorias: o regional. Ainda que este trabalho não se volte especificamente ao tema, pretende-se reunir elementos que contribuam para a história da gênese do planejamento urbano e regional, que, na América Latina, se apresentaria de forma mais acabada na década de 1950. (Feldman, 2014; Máttar e Cuervo, 2017).

Em contexto político e econômico do Segundo Pós-Guerra, foram criadas as grandes agências internacionais, Organização das Nações Unidas (ONU), em 1945, e a Organização dos Estados Americanos (OEA), em 1948, sob o discurso de promoção e manutenção da paz mundial após o conflito. Vinculados a elas, tiveram origem os programas de cooperação técnica e auxílio financeiro visando os planos de reconstrução da Europa, o combate à miséria e a introdução do desenvolvimento nos países do Terceiro Mundo. No âmbito da ONU, organizou-se a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), que se voltava ao desenvolvimento econômico cooperativo das nações envolvidas. Entretanto, grande parte dessas ações na América Latina estiveram relacionadas à diplomacia estadunidense, como continuação da política panamericanista que buscava limitar a influência da Europa no continente. No âmbito da própria União Pan-Americana, os Congressos Pan-Americanos de Arquitetos, que já aconteciam desde antes, passaram a abrigar mais efetivamente os debates sobre os problemas sociais na América Latina, com destaque para as questões urbana e habitacional.

A criação do *Centro Interamericano de Vivienda y Planeamiento* (CINVA) em Bogotá, nesse contexto, pode ser compreendida¹¹ como paradigmática desse efervescente cenário geopolítico, na qual se refletem os interesses estadunidenses na América Latina. Assim, os programas de cooperação técnica correspondiam ao pan-americanismo, mas na prática também criaram condições para formulações propriamente locais. Fundado em 1951 e operante até 1972, foi um programa pan-americano de assistência técnica da OEA, e constituiu-se como uma iniciativa para organizar capacitações técnicas de profissionais latino-americanos – desde arquitetos e engenheiros até sociólogos e antropólogos – acerca da produção e reprodução do território no subcontinente. Com sede na Universidade Nacional e apoio do próprio governo colombiano, o CINVA pôde promover, principalmente em uma fase entre 1958 e 1962, uma rede de cursos por todo o território latino americano, consolidando incontestáveis trocas e diálogos na região e

¹¹ Nesse sentido, a pesquisa *Investigación CINVA* trouxe muitas colaborações para uma nova leitura que não apenas relaciona o curso da instituição a uma interferência bilateral entre Estados Unidos e Colômbia, mas também como uma rede complexa de círculos de influência propriamente latino-americanos.

PENSAR FORA DO EIXO

construindo um “laboratório” de habitação rural e planejamento regional, tema especial para as demandas locais por esforços de planejamento adequados para a intervenção em projetos de casa rural, de reurbanização de assentamentos precários, entre outros. (Pino, Ramírez, e Aravecchia-Botas, 2024, p. 19-40). As frentes de ação do projeto carregavam termos como “vivenda rural”, “rehabilitación de tugúrios”, “planificación integral” e “acción comunal” como de grande importância no interior da instituição, inserindo-a nos debates inaugurais da área do planejamento urbano e regional na América Latina nas décadas de 1950 e 1960.

A circulação de arquitetos pelo continente encontrou no CINVA uma “zona de contato”. Seus cursos de pós-graduação confirmaram trajetórias profissionais em uma rede transnacional, com atravessamentos de debates presentes nos distintos países. Na relação com a Argentina, por exemplo, a trajetória de Ernesto Vautier é exemplar desse processo, já que o arquiteto dirigiu o Programa de Vivenda Rural do CINVA. Vautier contribuiu decisivamente para a formação do campo do urbanismo e do planejamento na Argentina, e por sua atuação é possível verificar uma mescla de diálogos que muitas vezes desafiavam os limites da arquitetura, apresentando-se na interface com outras disciplinas voltadas à promoção social. Outras trajetórias, como a da assistente social brasileira Maria Josephina Albano, do sociólogo colombiano Orlando Fals Borda e da professora estadunidense Caroline Ware confirmaram um campo disciplinar mais ampliado, dialogando diretamente com a sociologia rural e urbana.

Mas a menção a Vautier nos remete à condição particular da efervescência do campo urbanístico da Argentina, dado o episódio de reconstrução da cidade de San Juan ocorrido em 1944, após a mesma ter sido atingida por um terremoto. Nesse contexto, foram aprofundados debates que vinham desde finais da década de 1930, sobre as problemáticas de uma primazia do pensamento social urbano sobre o campo. A revista *NA* foi, nesse sentido, um espaço privilegiado para discussões, por vezes direcionada à questão da habitação econômica, e por outras se encaminhando ao aprofundamento das discussões do campo do urbanismo. É, ainda, fonte inescapável para analisar um campo de tensões, e os limites dos imaginários sociais que cristalizaram a dicotomia campo e cidade¹², de maneira a tornar possível uma leitura da passagem gradual dos temas do urbanismo à consolidação do campo de planejamento urbano e regional. (Ballent, 2005, p. 101-126)

¹² Relação descrita com maior complexidade no terceiro capítulo da tese de doutorado de Anahí Ballent, “*El llamado del campo. ¿Urbanizar o ruralizar?*” (Ballent, 2005, p. 101-126);

“NUESTRA ARQUITECTURA” E A QUESTÃO DA MORADIA POPULAR

A revista *Nuestra Arquitectura*, editada em Buenos Aires, entre 1929 e 1986, dirigia-se a um público profissional bastante amplo. Fundada pelo engenheiro norte-americano Walter Hylton Scott – e dirigida por ele mesmo até o ano de 1956 – a revista consistia de publicações mensais até a sua penúltima década operante, sempre vinculada à editora *Contemporanea* (Ballent, 2004, p. 201). Tendo as discussões sobre *vivenda* como eixo central, a revista foi um veículo para a circulação de temas sobre o crescimento populacional e urbano desde a metade da década de 1930. Guiada pelo posicionamento dessa figura fortemente crítica à cidade, a *NA* expôs, desde sua fundação, uma rígida denúncia da falta de moradia em centros urbanos e as carências e insalubridades das moradias operárias da cidade de Buenos Aires. Essa investida crítica avançou principalmente em fins da década de 1930, fortalecendo a divulgação de temas como políticas urbanas, intervenções estatais em obras públicas e, conseqüentemente, os avanços teóricos sob múltiplas e interdisciplinares visões – partes que compunham o esforço de consolidação do urbanismo como disciplina. Foram muitas as contribuições da revista na formalização de discussões centrais aos profissionais a que se destinava. Mas ao mesmo tempo, propondo-se a atuar como entidade pedagógica¹³, difundia imagens do morar e tipologias residenciais próprias, não limitando seu alcance a um único tema, como aquele relativo ao pensamento urbanístico contemporâneo. Em realidade, as problemáticas do urbanismo só tiveram destaque como tema central de determinadas publicações a partir de meados da década de 1940, como afirma Anahí Ballent:

“A publicação sistemática das problemáticas do urbanismo foi muito mais decisiva, ainda que tardia, se comparada à ênfase dada a elas pela Revista de Arquitectura nos anos 1930. Iniciou-se em 1944, a partir dos temas já indicados [moradia social e problemas urbanos], mas também em torno de questões locais, como o debate sobre a reconstrução de San Juan. Adquiriram maior precisão a partir da tradução de uma série de artigos da Pencil Points, que introduziam o debate norte-americano em 1945” (Ballent, 2004, p. 203) (Tradução elaborada pelos autores)

A importância atribuída pela revista às questões mais contemporâneas revela a sua própria posição desde a fundação, pautada na busca de uma arquitetura local ou nacional, mas também de uma arquitetura “de seu tempo” (Ballent, 2005, p. 201). O percurso da *NA* esteve sempre associado às trocas no debate arquitetônico do mais internacional ao mais local¹⁴, “no qual demandas locais,

¹³ Termo utilizado por Florencia Silvero ao tratar da ação das revistas na propagação e veiculação de imagens da arquitetura missionária do sul da Califórnia através dos chalets californianos, que marca uma fase da produção editorial que precede a tomada de poder por Juan Domingo Perón na Argentina (Silvero, 2019).

¹⁴ É importante destacar como as notas editoriais e publicidades da revista contribuíam com a difusão de obras internacionais traduzidas, principalmente daquelas relevantes à crítica construída pelo diretor da revista e seus autores mais referenciados. Pode-se citar, por exemplo, a divulgação do trabalho da educadora estadunidense Catherine Bauer como diretora da *National Public Housing Conference*, associação militante na área da habitação, que possuiu reverberações em textos fundamentais do New Deal, política que mobilizou

PENSAR FORA DO EIXO

sociais e técnicas pressionavam a discussão” de maneira a trazer o programa de modernização ao debate do campo arquitetônico em final dos anos 1920, processo amplamente refletido nas publicações da revista (Ballent, 2005, p.112). Entretanto, essa característica, interpretada como uma constante da produção editorial durante os anos de direção de Walter Hylton Scott, foi construída por meio de uma sequência de discussões a partir de eventos, congressos e seminários internacionais. Enquanto nos primeiros cinco anos de publicação observam-se reflexos da circulação de ideias debatidas nos Congressos Pan-Americanos de Arquitetos (CPA)¹⁵ e nos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (CIAM), em fins da década de 1930 é possível visualizar, em particular, a emergência das vanguardas do movimento moderno, especialmente da corrente liderada por Le Corbusier.

Adotando o recorte temporal delimitado pelo período da direção de Hylton Scott, entre a primeira edição (setembro de 1929) e a última edição (março de 1955), é possível, entretanto, visualizar frequências, recorrências e genealogias de temas relevantes ao campo do urbanismo e, posteriormente, à consolidação do campo do planejamento urbano e regional - que teria uma fase de produção mais notável em anos posteriores à criação da revista, em paralelo ao governo emblemático de Juan D. Perón na nação argentina. (Ballent, 2004, p. 203). Além disso, em contribuição à sugestão de impasses entre as esferas dos técnicos com o Estado, no artigo “*Odiando al chalet peronista*”, a arquiteta e pesquisadora argentina Florencia Silvero reflete alguns dos impasses políticos de uma parcela de arquitetos e profissionais perante a figura do então presidente Juan Perón, que estão impressos nas revistas de arquitetura¹⁶ entre os anos de 1943 e 1955¹⁷. O trabalho informa que o apagamento da imagem do chalet californiano nas produções editoriais de arquitetura durante os anos peronistas, simbolizavam o posicionamento de um meio técnico fortemente crítico à captura da imagem da casa rural na formulação do “*chalecito peronista*” sob

uma nova ordem social na América como um todo (Kopp, 1990, p. 168-171). Além disso, são frequentemente divulgadas políticas habitacionais externas, como às experienciadas no Chile, na Grã-Bretanha, na Rússia e em outros países;

¹⁵ Temas como a regulamentação da profissão, a formalização do ensino de arquitetura e a integração do ensino de urbanismo nas escolas de ensino superior foram constantes nos CPAs, atuando como forma de regulamentar a profissão e estabelecer agendas comuns para os países latino-americanos – atravessados por uma ótica pan-americanista muito clara. O primeiro capítulo do texto *Arquitetando a “Boa Vizinhaça”*, de Fernando Atique, centraliza as fontes utilizadas para compreender os diálogos interamericanos presentes nos congressos e eventos de arquitetura (Atique, 2010 [2007], p. 27-68).

¹⁶ Especialmente a *RdA (Revista de Arquitectura)* e a *NA*, além do próprio núcleo de profissionais que compunham a *SCA (Sociedad Central de Arquitectos)*;

¹⁷ Em especial, vale destacar a nota editorial de Walter Hylton Scott, “*Nunca Más*” (*NA* nº313, ago. 1955). ¹⁸ “*Derecho al bien-estar*”, Tradução elaborada pelos autores.

PENSAR FORA DO EIXO

programa habitacional populista. (Silvero, 2025, p. 21-23). Corrobora-se, portanto, a interpretação proposta aqui, de que a revista *NA* foi uma produção editorial com diversas facetas e interesses na divulgação dos mais diversos temas, da decoração interior ao planejamento nacional. Nesse sentido, é possível adotar determinadas periodizações acerca de sua produção, mostrando, por exemplo, que durante a década de 30, a recorrência de artigos de projetos residenciais e de casas marplatenses eram maioria frente a artigos de urbanismo, como a pesquisa vem demonstrando.

Como pontua Silvero, é notável que, a interrupção na difusão de números dedicados à arquitetura californiana nas revistas de arquitetura argentina, na qual se inclui a *NA*, estão definidos por motivos ideológicos e políticos. Diante do discurso peronista do de “Direito ao bem-estar”¹⁸, instaurado em 1947 por meio de políticas habitacionais como as que utilizavam as imagens do *chalet californiano* como símbolo de uma das facetas da arquitetura nacional, observa-se que essa expressão foi apropriada e manipulada pelos organismos representativos do peronismo – mesmo quando os responsáveis por experimentar e modificar essa tipologia anteriormente tinham sido arquitetos que estavam circulando nessas revistas. É possível, sobretudo, observar como os atravessamentos históricos dentro de processos políticos, econômicos e sociais, são profundamente relacionados à produção editorial de arquitetura, campo no qual a *NA* se insere. (Silvero, 2025, p. 21-23). É, entretanto, em um outro momento da produção editorial, que se confere protagonismo aos temas do urbanismo, tensionando seus limites frente ao problema da região. Apesar disso, todos os desdobramentos da produção editorial estavam ancorados na constatação inicial em que a revista fincou sua crítica – o problema das cidades e da moradia para os trabalhadores.

PLANEJAMENTO REGIONAL EM CIRCULAÇÃO NA NUESTRA ARQUITECTURA

Como mencionado, a aparição dos temas de urbanismo e planejamento na, em metade da década de 1940, estiveram atrelados à emergência de debates urbanísticos, principalmente àqueles vinculados ao projeto de reconstrução da cidade de San Juan, que mobilizou muitos profissionais locais (Gomes, 2009, p. 26). A trajetória de Ernesto Vautier, por exemplo, evidencia sua aproximação às temáticas da arquitetura social. Em 1953, ao ser contratado pelo Programa de Cooperação Técnica da OEA, passou a integrar o quadro docente do CINVA, atuando especificamente nos cursos de vivenda rural (Carvalho, 2021, p. 193). Sua participação, tanto no cenário local da arquitetura argentina, quanto no CINVA, mostra o engajamento e aproximação da arquitetura moderna aos temas rurais.

PENSAR FORA DO EIXO

Conforme tabela a seguir (tabela 1)¹⁸, a produção editorial de *NA*, focada na veiculação de reflexões teóricas inaugurais de planejamento regional e territorial, sugere algumas interpretações :

Tabela 1. Revista *NA*, publicações de reflexões teóricas sobre planejamento regional e territorial.

Edição	Ano	Mês	Artigo	Autor	Palavras-chave
93	1937	04	La densidad y la distribución de la población en los distritos urbanos	M. John Ihlder	Distribuição populacional; Densidade; Cidade
122	1939	09	II Austral	Austral	Planejamento regional; Casa rural; Indústria de construção civil
191	1945	06	Las ciudades son para seres humanos	Roberto S. Lind	Cidade; Homem-natureza; Planejamento
192	1945	07	Distribución de la población: centralización y descentralización	Lorin A. Thompson	Distribuição populacional; Centro-Periferia; Densidade
193	1945	08	Planificación y alojamiento	Henry S. Churchill	Planejamento; Moradia
194	1945	09	Planificación industrial	Robert D. Calkins	Planejamento; Setor industrial
195	1945	10	Aspectos económicos y sociales de la planificación	Svend Riener	Planejamento; Sociedade; Economia
195	1945	10	Concepción biotécnica del planeamiento	Arq. Jose M. F. Pastor	Planejamento; Homemnatureza
196	1945	11	Aspectos sociales de la planificación de ciudades	Ruth Glass	Planejamento; Sociedade; Cidade
198	1946	01	Humanizar el planeamiento	Arq. Jose M. F. Pastor	Planejamento; Homemnatureza
199	1946	02	En torno de la idea regional en el planeamiento	Arq. Jose M. F. Pastor	Planejamento regional
212	1947	03	El trazado viario y la cuestión de la tierra	Arq. Jose M. F. Pastor	Terra; Desenho viário

¹⁸ Do ponto de vista metodológico, o trabalho de sistematização da revista, que fez parte das atividades da pesquisa de iniciação científica que apoia esse artigo, utilizou-se de uma separação dos artigos por edição, ano, mês, título e autores relacionados. O critério de seleção para entrada na planilha geral de sistematização foi a aproximação do artigo com temas que circundam a habitação e o urbanismo, observando todas as esferas desses grandes campos. De maneira geral, devido a esse recorte temático, optou-se por não incluir na sistematização artigos sobre fotografia, projetos de decoração/interiores e arquiteturas comerciais.

PENSAR FORA DO EIXO

215	1947	06	El trazado viario, infraestructura tecnológica del plan nacional	Arq. Jose M. F. Pastor	Desenho viário; Infraestrutura; Planejamento nacional
219	1947	10	Descentralización industrial - un caso concreto	Arq. Jose M. F. Pastor	Centro-periferia; Densidade; Setor industrial
251	1950	06	Cooperación Interamericana en el campo de la vivienda y el urbanismo	Anatole A. Solow	CINVA; Cooperação interamericana; Habitação; Planejamento territorial
270	1952	01	Desarrollo de una zona metropolitana	Arq. Richard J. Neutra	Metrópole; Desenvolvimento
274	1952	05	Demografia y planeamiento urbano y regional	Ing. Jose Bonilla	Demografia; Planejamento urbano; Planejamento regional
276	1952	07	Noticiario: el planeamiento urbano y regional en el mundo	<i>Nuestro Urbanismo</i>	Planejamento urbano; Planejamento regional
277	1952	08	Noticiario: el planeamiento urbano y regional en el mundo	<i>Nuestro Urbanismo</i>	Planejamento urbano; Planejamento regional
278	1952	09	Bases para el planeamiento de regiones y ciudades	Arq. Don Pedro Bidagor	Planejamento urbano; Planejamento regional
278	1952	09	Noticiario: el planeamiento urbano y regional en el mundo	<i>Nuestro Urbanismo</i>	Planejamento urbano; Planejamento regional
279	1952	10	Crecimiento demográfico en la Argentina	Ing. Jose Bonilla	Distribuição populacional; Demografia; Argentina
280	1952	11	La descentralización industrial	Banco de Crédito Industrial Argentino	Centro-periferia; Densidade; Setor industrial
283	1953	02	Planeamiento regional	Gregorio J. Petroni	Planejamento regional
302	1954	09	Bases para el planeamiento del area agricola de servicio alimentario de una ciudad	Arq. Jose M. F. Pastor y Lydia A. Soriano Dahl	Setor agrícola; Planejamento regional
302	1954	09	El estudio del uso de la tierra y su importancia para el planeamiento regional y urbano	Ing. Jose Bonilla	Terra; Planejamento regional; Planejamento regional

Fonte: Santos e Aravecchia-Botas, 2026.

Além dos referenciais teóricos numerados na tabela, a problemática inaugurada com o caso da cidade de San Juan se manifesta em uma fase inicial de publicações de projetos na área de Anais do 19º SHCU. Pensar fora do eixo: por histórias plurais da cidade e do urbanismo. Maringá: PPU UEM UEL, 14 a 17 de setembro de 2026.

PENSAR FORA DO EIXO

planejamento territorial. Essa ordem de projetos, principalmente em fins da década de 1940, estivera muito associada com os avanços teóricos nessa área, como é o caso da série de artigos publicados por Manoel Pastor¹⁹, que estão mais relacionados com a organização e sistematização de um campo disciplinar, através da formação de uma reflexão teórica muito bem definida. Vale ressaltar que a tabela corresponde a um levantamento inicial da produção editorial, podendo eventualmente não abranger determinadas publicações que também são, de certa forma, relevantes para o campo do planejamento regional. A seguir, apresenta-se o levantamento de publicações de projetos, abarcando desde grandes obras de infraestrutura, como é o caso da Autoridade do Vale do Tennessee (T.V.A.), até planos pilotos de grandes cidades (tabela 2).

Tabela 2. Revista NA, publicações de projetos de planejamento regional e territorial

Edição	Ano	Mês	Artigo	Autor	Palavras-chave
178	1944	05	El problema de San Juan – Antecedentes, planes de trabajo y vivienda	Ing. Walter Hylton Scott	Reconstrução; San Juan; Plano regional
196	1945	11	La nueva San Juan – crítica del plan de reconstrucción aprobado	Arq. Fermin H. Bereterbide	Reconstrução; San Juan; Plano regional
203	1946	06	Sobre la reconstrucción de San Juan	Arq. Fermin H. Bereterbide	Reconstrução; San Juan; Plano regional
206	1946	09	La obra de la Autoridad del Valle del Tennessee (T.V.A.)	Arq. Jose M. F. Pastor	T.V.A; Plano regional; Projeto de infraestrutura
215	1947	06	Transbordo de mar a tierra	Arq. Richard J. Neutra	Projeto de infraestrutura; Transporte intermodal
236	1949	03	La reconstrucción de San Juan	Vários autores	Reconstrução; San Juan; Plano regional
282	1953	01	NU – El plan piloto de Lima	Oficina Nacional de Planeamiento y Urbanismo del Perú	Plano piloto; Lima; Peru
283	1953	02	NU – Plan regional para San Nicolas	Ing. Jose Bonilla	Plano regional; Argentina; San Nicolas
284	1953	03	La planificación de la isla de Guam	Arq. Richard J. Neutra	Planejamento; Ilha de Guam; Estados Unidos

¹⁹ Ou mesmo pode se pontuar a reverberação, nesse momento, dos avanços tidos com o surgimento do planejamento regional nos Estados Unidos entre as décadas de 20 e 30, com as experiências do *Regional Planning Association of America* (RPAA) e o *Regional Plan of New York* (RPNY), além daquela do planejamento New Deal (Hall, 2016 [1988], p. 160-203).

PENSAR FORA DO EIXO

284	1953	03	NU – Plan regulador de San Juan	Arq. Jose M. F. Pastor	Reconstrução; San Juan; Plano regional
290	1953	09	Urbanización de Punta Ballena, Uruguay	Arq. Antonio Bonet	Urbanização; Uruguai; Punta Ballena
293	1953	12	El reparcelamiento aplicado a la reconstrucción de San Juan	Arq. Jose M. F. Pastor	Reconstrução; San Juan; Plano regional

Fonte: Santos e Aravecchia-Botas, 2026.

Dentre as trajetórias notáveis através dos dados encontrados, destaca-se a participação do arquiteto e urbanista argentino José Manuel Felipe Pastor (1916–1981), que, tendo formação pela Universidade de Buenos Aires em 1944, começou a dar enfoque aos ensaios e estudos de densidade, das morfologias urbanas e da distribuição populacional no território em anos seguintes de sua formação, como informa o verbete sobre a revista no *Diccionario de la Arquitectura Argentina*:

“No que diz respeito ao âmbito local, o tema ficou a cargo de José M. Pastor, que, entre 1945 e 1947, publicou regularmente artigos sobre planejamento. Neles, mostra-se partidário das teorias descentralizadoras e dos planos regionais, posição à qual a revista aderiu, e dedica um número à obra da ‘Autoridade do Vale do Tennessee’ (1946), referência-chave dessas teorias.” (Ballent, 2004, p. 203)
(Tradução elaborada pelos autores)

Apesar dessa rede de artigos destinados ao planejamento regional estar localizada em uma fase da produção editorial, os tensionamentos entre as categorias de campo e cidade estavam incorporados implicitamente desde as discussões da arquitetura residencial, principalmente na produção de casas-de-veraneio e de fim-de-semana, como foi o caso do *chalet californiano*. A hipótese aqui colocada é que as discussões sobre planejamento regional amadurecem também por meio desse imaginário social dicotômico figurado em meio à classe profissional nas mais diversas áreas, da habitação ao urbanismo. (Ballent, 2005, p. 101-126). Dentre os artigos que compõem as tabelas anteriores, a primeira menção a um plano regional trata-se de uma exceção na periodização proposta aqui, pois nele o grupo de arquitetos já manifestava a expansão do projeto urbanístico ao território extra-urbano, com o propósito de reverter os avanços da industrialização da construção civil para o campo.

AUSTRAL: URBANISMO RURAL, PLANO REGIONAL E CASA RURAL

Dentre os muitos temas em circulação pela NA, desde a arquitetura residencial até as notas editoriais sobre o problema da moradia em Buenos Aires, as discussões sobre as dinâmicas populacionais urbanas e sobre habitação, em geral, se pautaram na necessidade de reconhecer o aprofundamento no problema das migrações campo-cidade, como afirma a crítica já pontuada por

PENSAR FORA DO EIXO

Anahí Ballent. Entretanto, a heterogeneidade das visões sobre as fragmentações do território da Argentina define o tom desses debates, em geral muito extensos e particulares. Em um momento inicial, as discussões sobre modernização da moradia e otimização do espaço doméstico estiveram na linha de frente da reformulação do contato entre homem e natureza. A exemplo disso, o projeto do *Tortugas Country Club*²⁰, do arquiteto Carlos Malbranche, incorporava em sua composição o bucolismo atrelado à imagem da arquitetura californiana, sendo definida como uma “*operação imobiliária que aproveitava um novo gosto pelo fim de semana fora da cidade e pelos esportes terrestres ao ar livre*”²¹ (Ballent, 2005, p.105). Tal tipo de contato ao fim-de-semana extra-urbano era possibilitado, sobretudo, pelo acesso das classes médias ao automóvel e o desenvolvimento das linhas ferroviárias pelo território. Esse tipo de contato entre campo e cidade era sustentado pela oposição entre essas categorias, compreendidas, contudo, como complementares em seus modos de vida, ainda que limitado a um recorte da classe média, com acesso às inovações tecnológicas promovidas pelo desenvolvimento industrial em fases iniciais. (Ballent, 2005, p. 105).

Apesar disso, como pontuado anteriormente, as trajetórias das produções editoriais de arquitetura sofreram fortes impasses com as dinâmicas políticas, e, a partir disso, os anos peronistas foram marcados por um recuo nesses tipos de publicação. As críticas foram intensificadas na questão da falta de moradia para populações de baixo ingresso ou de outros problemas que assolavam as cidades, como os *conventillos* e outras habitações precárias. (Silvero, 2025, p. 21-27). Nesse âmbito, a arquitetura californiana, que inundou páginas de revistas profissionais de arquitetura com casas pitorescas e rurais entre os anos de 1926 e 1940, perde sua centralidade como arquitetura “educadora de bom-gosto”²² e passa a ser lida como um resultado do “antiquado pintoresquismo acadêmico”, principalmente na crítica empenhada pelos arquitetos da vanguarda modernista. (Silvero, 2025, p. 20). Por outro lado, confere-se, a partir da análise da produção da revista, que o distanciamento dos modos de vida rural e urbano ainda persistiam como uma questão a ser aprofundada.

Ainda nesse recorte emerge uma relevante publicação nas entrelinhas do que se pode definir como dois momentos importantes para a publicação editorial no recorte definido: uma fase inicial de experimentação tipológica e estilística na arquitetura residencial, que atinge o ponto máximo de vinculação do binômio modernidade-tradição no *chalet californiano*, e, a partir de 1944, um

²⁰ Ver publicações “*Lo que será el Tortugas Country Club*” (NA nº17, dez. 1930). e “*El Tortugas Country Club*” (NA nº18, jan. 1931), ambas de autoria de Carlos Malbranche;

²¹ “*operación inmobiliaria que aprovechaba un nuevo gusto por el fin de semana fuera de la ciudad, y por los deportes terrestres al aire libre*”. Tradução elaborada pelos autores.

²² “*educadora de buen-gusto*”. Tradução elaborada pelos autores.

PENSAR FORA DO EIXO

aprofundamento nos temas da pré-fabricação, da arquitetura industrial e do urbanismo (Ballent, 2004, p. 203). Nesse sentido, um artigo que aparece como um furo nesse roteiro, mesclando temas do urbanismo, planejamento e habitação, está na segunda publicação do grupo de arquitetos vanguardistas da Argentina, o Austral. Como é definido por Liernur através do *Diccionario de Arquitectura en la Argentina*, o grupo foi um:

“Agrupamento de jovens arquitetos modernos, formado na primavera de 1938 em Buenos Aires, que a história canônica considera como o verdadeiro início da vanguarda argentina. Na década de 1930, um importante setor de jovens estudantes de arquitetura constituiu o núcleo de uma geração que seria determinante no período seguinte e da qual surgiria o ‘Austral’. [...] Quando se afirma que com eles começa verdadeiramente a história da Arquitetura Moderna argentina, exagera-se, mas talvez não se esteja errado em um aspecto substancial. Embora seja ingênuo e reducionista imaginar um começo para processos tão complexos, deve-se admitir que, pela primeira vez na arquitetura argentina, a maioria desses jovens comportou-se à maneira dos vanguardistas de todo o Ocidente: abraçaram radicalmente posições modernistas intransigentes, ainda que ao custo de um soberbo gesto inicial de parricídio.” (Liernur, 2004, p. 89) (Tradução elaborada pelos autores)

Dentre as muitas figuras participantes do grupo, como Jorge Ferrari Hardoy, Horacio Caminos e José Manuel Pastor, o apego às vanguardas modernistas, no viés liderado por Le Corbusier, inseriu o Austral em discussões das mais contemporâneas ao campo da arquitetura, participando como representantes da Argentina no II CIAM, ocorrido em 1929 em Frankfurt, na Alemanha²³. Dentre os eixos de trabalho explorados, o grupo realizou estudos sobre habitação operária (contemporâneo à realização do Congresso Pan-americano de Vivienda Popular em outubro de 1939, em Buenos Aires) e sobre a cidade, sob uma ótica clara do Movimento Moderno. Nesse último caso, com as críticas das condições urbanas já em construção desde metade da década de 1930, o grupo encara tal problema como uma necessidade de aprofundamento dos métodos modernistas, inaugurando o desenho racional e o Plano, indo em sentido contrário a um campo específico de conhecimentos que estavam se definindo na ciência urbana. Identificavam, sobretudo, a perda de harmonia entre as coisas existentes nas metrópoles contemporâneas e o descompasso entre “os seres, as coisas e a natureza”²⁴ como a questão central dos problemas da cidade (Liernur, 2004, p. 95). Desse modo, a busca pela união de dois aspectos aparentemente opostos, a máxima densidade populacional e a natureza²⁵, é um fator decisivo para a compreensão da ruptura que a publicação de autoria do

²³ A trajetória do grupo é descrita com maiores detalhes e profundidade na reconhecida obra de Jorge Francisco Liernur e Pablo Pscheperurca: *“La red austral: obras y proyectos de Le Corbusier y sus discípulos en la Argentina (1924-1965)”* (Liernur e Pscheperurca, 2008);

²⁴ A postura de uma expressão modernista frente à natureza é também abordada por Margareth da Silva Pereira ao tensionar as categorias de natureza e artifício através da *afirmação-homem*. (Pereira, 2010, p. 227250);

²⁵ Representadas pelos modelos urbanísticos das *garden-cities* ou pela experiência material do *Siedlungen* de Bruno Taut, cabe pontuar que, tal como pontuado na primeira seção, as visões anti-urbanas que guiam o pensamento da arquitetura e do urbanismo neste momento, em muito se difere a como tem sido concebida

PENSAR FORA DO EIXO

grupo expõe na revista, representando uma potencial *zona de contato* na leitura historiográfica que aqui se propõe.

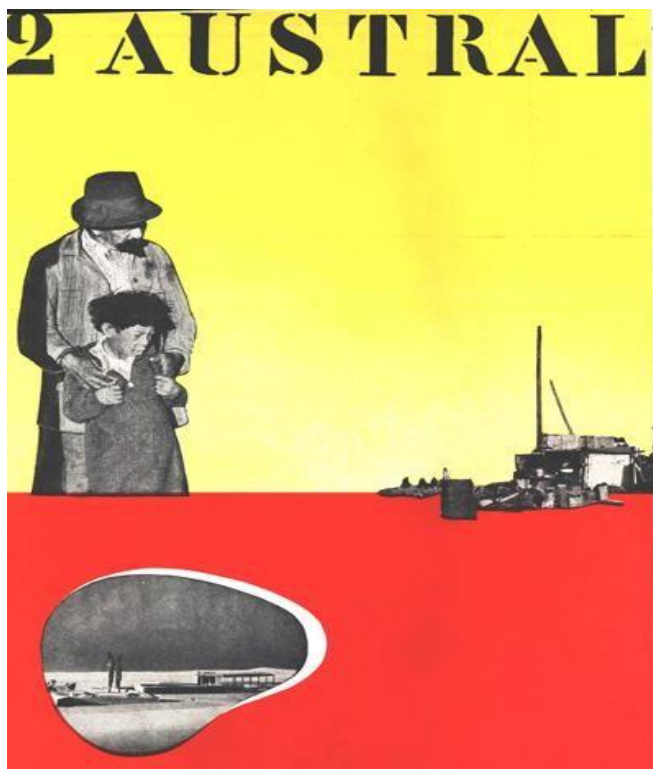
Em segunda publicação do Austral veiculada na, na edição 122, de setembro de 1939, se percebe um destaque dado para a mensagem que se objetiva a ser transmitida – já na abertura do artigo, é disposta uma capa de cores amarelo e vermelho fortes, com apenas uma informação textual “2 AUSTRAL”, com imagens simbolizando um homem adulto e uma criança abraçados olhando assustados para o que se associa a um rancho ou assentamento precário. Em destaque, há um outro eixo visual, o projeto de Le Corbusier e Pierre Jeanneret, o “*Le Village Coopratif*”, destinado a um grupo de camponeses de La Sarthe, na França (ver figura 1). Encomendado por Norbert Bézard, operário agrícola, o projeto proclama a renovação da vida agrária com um sentimento otimista frente à vida moderna (Austral, 1939, p. 310-311). O projeto, tal como o grupo descreve em páginas posteriores de mesma publicação, contempla em diversas escalas o problema, das unidades agrárias e industriais à unidade nacional, e isso é guiado pelo seguinte pensamento balizador da crítica estabelecida pelo grupo:

“O campo deve ser feito tão alegre quanto a cidade. O homem do campo e o homem da fábrica terão, em seus bens e em seus corações, o mesmo sol do céu e do espírito.” (Austral, 1939, p. 311. In: NA, nº122, set. 1939) (Tradução elaborada pelos autores)

Figura 1. Capa da publicação “2 Austral”

em fins da década de 50 e 60. Tal como citado anteriormente, a coexistência de campo e cidade, um como antítese do outro, era o que pautava a ideia de complementaridade entre o caos urbano e a paz no campo, que estão incorporados, por exemplo, nas casas de veraneio ou de *weekend*. (Ballent, 2005, p. 105).

PENSAR FORA DO EIXO



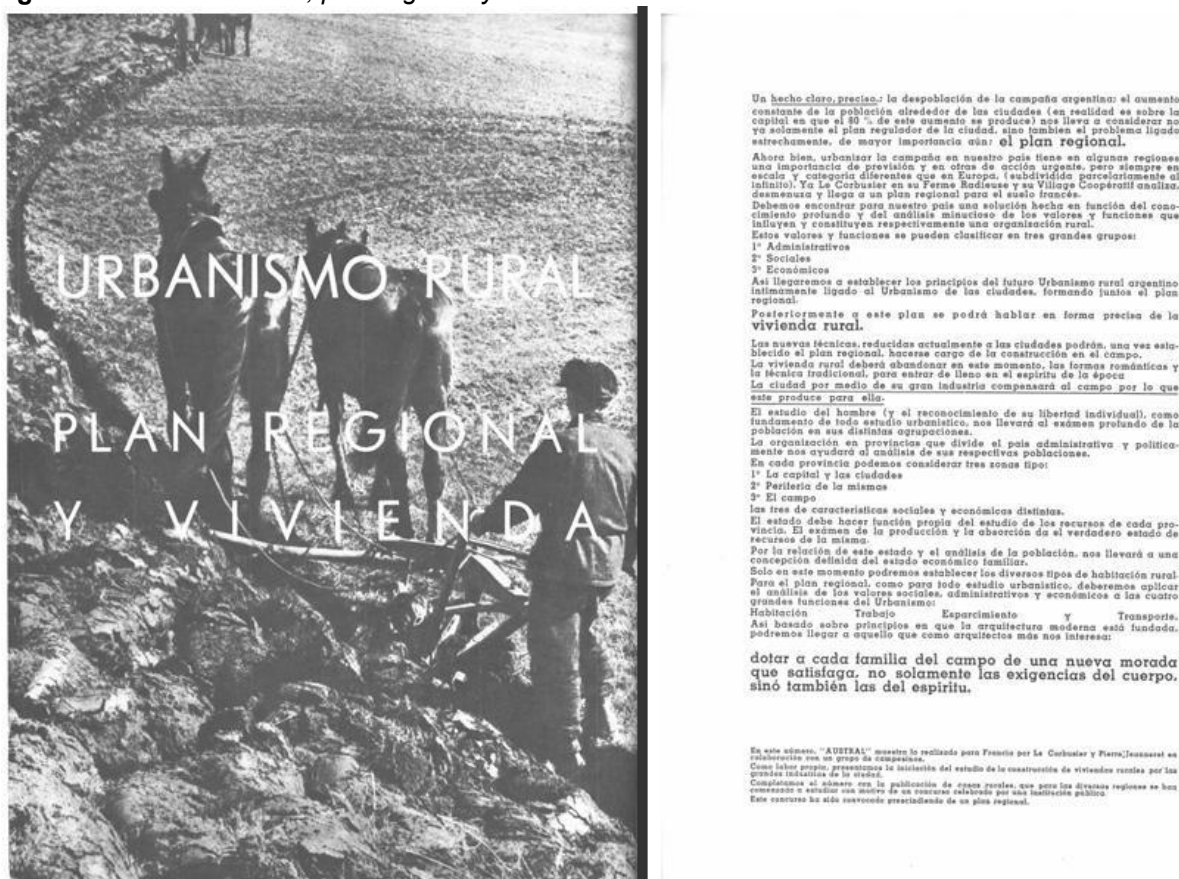
Fonte: Centro de Documentación – Biblioteca “Prof. Arq, Manuel Ignacio Net”. Facultad de Arquitectura, Diseño y Urbanismo. Universidad de Buenos Aires. NA nº122, set. 1939.

Tendo em vista a carga simbólica da capa da publicação e do projeto referenciado, confere-se um novo sentido ao seu título: “*Urbanismo rural, Plan regional y Vivienda*” (ver figura 2). Pautado acima de uma crítica clara acerca do despovoamento da zona rural argentina e um aumento constante da população ao redor das cidades, principalmente em Buenos Aires, a ideia delineada é de que não somente o plano regulador da cidade seja considerado, mas sim um desenho adequado à escala, o plano regional. Para o grupo, encontrar os valores e funções que constituem uma organização rural, nas esferas administrativa, social e econômica, são meios para se estabelecer os princípios do “Urbanismo rural argentino, intimamente ligado ao Urbanismo das cidades”, e que juntos compõem o plano regional. No campo da habitação, por sua vez, o planejamento regional possibilitaria o desenvolvimento de uma produção mais específica para a casa rural, podendo ser operada através da grande indústria de construção civil, de maneira a abandonar as formas românticas e a técnica tradicional para “entrar em cheio no espírito de época” (Austral, 1939, p. 313). Além disso, para uma análise profunda da população, o estudo do homem e o reconhecimento de sua liberdade individual são, para esse grupo, o fundamento de todo estudo urbanístico, e isso é capaz de fornecer todos os subsídios dos estados econômicos, de cada família à cada província, subdividida ainda em capital, periferia e o campo. Nessa organização racional das escalas e funções

PENSAR FORA DO EIXO

para o funcionamento lógico de um urbanismo nos moldes corbusianos, o grupo define ordens muito claras das etapas que podem levar à solução de problemas acima das categorias de campo ou cidade. Para isso, abraçam a ideia de região como unidade territorial onde se torna possível solucionar os problemas do campo a partir de tecnologias e conhecimentos fundados na cidade. (Austral, 1939, p. 312-313)

Figura 2. *Urbanismo rural, plan regional y vivienda*



Fonte: Centro de Documentación – Biblioteca “Prof. Arq, Manuel Ignacio Net”. Facultad de Arquitectura, Diseño y Urbanismo. Universidad de Buenos Aires. NA n°122, set. 1939.

Com o potente título “*A grande indústria deve se encarregar da construção da habitação rural: a pré-fabricação resolverá o problema colocado aos nossos camponeses*”²⁶, os técnicos do Austral buscavam, através da industrialização da construção civil, democratizar o acesso à habitação otimizada e racionalizada no espaço rural, observando as condições de vida dos trabalhadores rurais. Como os próprios definem, o objetivo principal é de encarar o problema da pré-fabricação

²⁶ “*La gran industria debe hacerse cargo de la construcción de la vivienda rural: la prefabricación resolverá el problema planteado a nuestros campesinos*”. Tradução elaborada pelos autores.

PENSAR FORA DO EIXO

como algo a ser resolvido com êxito pela República Argentina, instaurando o espírito da época ao país inteiro em tempos modernos. O apreço pelo avanço industrial no setor da construção civil esteve, não apenas nessa publicação, vinculado à valorização da inventividade da indústria automobilística e o impacto de seus avanços na vida material da classe média urbana - como Walter Hylton Scott também dispõe na tradução do artigo exposto no *The Architectural Forum* em julho de 1931 dois meses depois na publicação *“La casa pequeña: un problema por resolver”*²⁷:

“Há uma regra segundo a qual uma família não deveria gastar mais de um quarto de sua renda com aluguéis. O Comitê de Construtores e Proprietários de Casas dos Estados Unidos [...] estabeleceu que era economicamente saudável, para famílias com rendas entre 235 e 940 pesos por mês, comprar uma casa que custasse aproximadamente duas vezes sua renda anual; daí se deduz que a grande maioria das casas não deveria exceder o custo de \$9.400. Ora, construir uma boa casa por menos de \$10.000 pareceria impossível; mas a indústria automobilística orgulha-se de um feito que, em outro tempo, também teria parecido impossível. [...] A solução do problema da habitação está a exigir o mesmo tipo de lógica, imaginação e perseverança que aquelas desenvolvidas pela indústria automobilística.” (NA, set. 1931, n.º 26, p. 83) (Tradução elaborada pelos autores)

É notável também uma apreciação desse grupo ao tema da localidade, desde a disposição dos materiais a serem utilizados na pré-fabricação até o processo de construção. O uso de artigos de importação, como é o caso da madeira e do ferro, na indústria de pré-fabricação até o momento, por exemplo, é vista pelo grupo como um impasse logístico frente à possibilidade de utilização de chapas de fibrocimento liso e acanalado ou palhas de trigo prensada, que dialogavam muito mais com o próprio desenvolvimento industrial de Buenos Aires no momento. (Austral, 1939, p. 316-318). A realização de ensaios sobre casas com materiais dos mais sofisticados e a própria posição do canteiro de obras no terreno de construção, também eram etapas que constituíam os sistemas de pré-fabricação (ver figura 3). O grupo não tratou diretamente da questão do trabalho comunitário e da ação comunal como frentes de viabilização da moradia rural. Entretanto, já aparecia de maneira enfática a valorização de fatores locais e da experimentação da casa rural, antecipando na Argentina, o que se faria posteriormente por meio das agências internacionais, como parte de uma ação pedagógica baseada na realização de projetos experimentais e promoção de cursos de vivenda rural, que seria a essência do CINVA na década de 1950.

Figura 3. *La gran industria debe hacerse cargo de la construcción de la vivienda rural.*

²⁷ *“A casa pequena, um problema para resolver”*. Tradução elaborada pelos autores.

LA GRAN INDUSTRIA DEBE HACERSE CARGO

LA PREFABRICACION RESOLVERA EL PROBLEMA

El hombre de campo dispone, para el trabajo, de una maquinaria variada, precisa y de gran eficiencia. Tractores, arados, escombros, cilindros, toda clase de aparatos productores de fuerza motriz y de aprovechamiento y transformación de los productos de granja, y un repertorio de herramientas e implementos de una variedad extraordinaria le son suministrados a un precio que, al ser a su vez disminuyendo, de modo que ya son accesibles a la mayoría de los campesinos que tienen necesidad de ellos.

Cada una de estas formas de trabajo es materia de un minucioso, cuidadoso y sostenido estudio que hace que la industria del sector rural se mantenga al día, al par que la producción en este sector es el mayor del mayor resultado con el menor de los costos.

Ahora bien: ese mismo hombre que exige para la explotación de la producción de la tierra la más moderna maquinaria, continúa viviendo en las mismas condiciones que los primitivos colonos cuya vivienda no era más que un refugio primario.

La moral es la primera de las necesidades humanas, pero nuestro campesino debe conformarse (el costo de los edificios tradicionales de la granja o de alternativas) con una vivienda cualquiera, no puede "regalar" la "vivienda moderna" que debe contener todo lo que pueda mejorar las alegrías de una familia, las iniciativas, las esperanzas, y en una palabra, todo lo que puede dar a cada hora del día su pleno sabor.

La construcción en serie, con elementos fabricados en serie, debe resolver el problema planteado a nuestros campesinos. Los técnicos pueden reducir los problemas surgidos de la industrialización de la vivienda a su más simple expresión. Establecer un programa, fijar un modelo, seleccionar un material, y el camino está trazado.

La prefabricación es simplemente el producto de un ingeniero y científico planteados, una serie organizada industrial y una eficiente mano de obra. El automóvil es hoy en día el perfecto ejemplo de lo que puede dar de sí la industria de la prefabricación. Aplicar la organización de la industria del automóvil a la producción de la vivienda es lo que corresponde.

Observando una lista de los materiales de la casa tradicional, se descubre que la mayoría de los ítems están industrializados y son producidos en serie: ladrillos, cemento, ferrocemento, tejas, chapas, techados, plomo, artefactos sanitarios y eléctricos, toda clase de canalizaciones, perfiles metálicos, herrajes, vidrios, bracerías de hierro y madera, metal del pargado, calefacción, etc. La producción en serie de la mayor parte de los componentes de la casa, que luego se integran en pisos, paredes, techos, es ya un hecho.

Si la idea de la producción en cantidad se aplica a la casa completa en lugar de seguir fabricando sus integrantes por separado, se establece así el concepto de la prefabricación.

La prefabricación como esfuerzo técnico, es una de las objetivos de la arquitectura moderna. La una justifica a la otra y los métodos tradicionales tienen que ceder al paso a la lógica del trabajo modular y la repetición de elementos.

La prefabricación implica un estricto control de los materiales que resultan así más durables, más sólidos, más resistentes al fuego y mucho más susceptibles de mantenerse en condiciones que los materiales comunes, una elaboración ajena, una perfecta terminación, reducción de los desperdicios al mínimo y un gran ahorro en el tiempo de ejecución, de donde, mayor producción a menor costo.

Por otra parte, en nuestro país, fuera de los grandes centros urbanos, no se encuentra mano de obra calificada ni aun para realizar trabajos dentro de los métodos más tradicionales. La facilidad de montaje de los elementos prefabricados elimina los peligros de una construcción deficiente, al mismo tiempo que reduce el tiempo de ejecución de una manera asombrosa. Una vez preparada la plataforma de hormigón o mampostería, los distintos elementos se ensamblan en un tiempo que puede llegar a ser menor de 48 horas.

SISTEMAS.

Los sistemas de prefabricación son los tres siguientes:

1- La casa completamente armada en la fábrica, con todos sus servicios en orden de funcionamiento, se transporta al terreno en un camión especial.

Este método está limitado por una serie de inconvenientes: distancias, condiciones de viabilidad, dificultad de los materiales.



DE LA CONSTRUCCION DE LA VIVIENDA RURAL

EL PROBLEMA PLANTEADO A NUESTROS CAMPESINOS

El uso del acero como material principal daba las exigencias de extrema rigidez y mínima peso requerida por el transporte, y el enorme desarrollo de la fábrica y los detalles como consecuencia de las proporciones enormes de los elementos producidos.

2- La casa por elementos. Paredes, pisos, techos, techados, en elementos modulares, que producidos en serie y enviados desde la fábrica al terreno, donde se arman ordenadamente y se instalan los servicios sanitarios y eléctricos. Este es el método más simple y el más de acuerdo con las características del desarrollo industrial de nuestro país.

3- El taller se construye en el terreno mismo. En este caso no hay exactamente prefabricación, pero sí, al menos, producción en serie.

MATERIALES.

Hasta el momento, la industria de la prefabricación, en los países en los que ha llegado a ser una realidad, se ha desarrollado valientemente principalmente de la madera, el hierro y el cemento.

Aunque es nuestro país rico en extensiones forestales, la madera susceptible de ser utilizada en la construcción sigue siendo artículo de importación, y con más motivo los ferrocementos y plásticos que están los productos de más aplicación en esta industria.

El hierro, en razón de ser cien por cien importado y de elevado precio, se convierte para nosotros en material no adecuado para ser utilizado, al menos en gran escala.

El cemento aunque en el país un lugar preponderante entre los materiales de construcción. Actualmente hay en funcionamiento 11 fábricas distribuidas desde el centro de la provincia de Buenos Aires hasta la provincia de Santa Fe y en todas ellas se compran un producto de excepcional calidad a un precio que, siendo ya bajo, puede llegar a disminuir. Este es, pues, el material por excelencia que debe utilizarse si se quiere llegar a un resultado práctico en la prefabricación y así lo han entendido los que hasta el presente han encorsetado al problema de la prefabricación en la Argentina. A continuación se da una reseña somera de los tentativos realizados hasta la fecha.

a) — Ensayo de casa en hormigón celular, efectuado en el terreno, con escombros metálicos transportables. La casa, integrada, pisos, paredes y techo, era de hormigón.

b) — Paredes de hormigón que pueden ser fabricadas en el taller o en el terreno, montadas sobre estructura de hierro. La casa es ensamblable y fácil de transportar en secciones. Este, más que ensayo de prefabricación, lo es de montaje en serie.

c) — Paredes de ferrocemento, perfiladas y montadas de manera que cada elemento modular queda compuesto por un panel interior y otro exterior, logrando entre ambos una cámara de aire.

El procedimiento de construir la casa en el terreno aunque sea con escombros estándar, no resuelve el problema más que a medias.

Los otros sistemas, puros o parciales de hormigón, ofrecen al inconveniente del gran peso de los elementos, ya sea a efectos del transporte o al ser de ser enladrillado al terreno desde un centro productor, y aun en el caso de ser fabricados en el lugar, la dificultad de los masticos, que requieren el consumo de diez o doce toneladas de cemento por metro cuadrado de una construcción para hormigón más manuable se aumenta el costo de producción. A este inconveniente hay que agregar el escaso valor que como aislante térmico y acústico presenta el hormigón.

El sistema más extendido en la República Argentina es el Lala. En él se utilizan chapas de fibrocemento ligas para el exterior, celosías para el interior, y chapas de fibrocemento azulejadas para el techo. Pero en este sistema, no es el fibrocemento el elemento principal de construcción, sino la madera, pues igual no hace más papel que el de servir como estructura de una construcción de madera. Ofrece además el inconveniente de exigir un gran número de tapacantos, tanto interiores como exteriores. No es tampoco un verdadero exponente de prefabricación, sino de montaje en serie, más bien complicado y no de una gran eficiencia.

En los detalles que más adelante pueden verse, AUSTRAL presenta hoy su primer aporte para llegar a hacer de la prefabricación, una realidad en la Argentina.



Fonte: Centro de Documentación – Biblioteca “Prof. Arq. Manuel Ignacio Net”. Facultad de Arquitectura, Diseño y Urbanismo. Universidad de Buenos Aires. NA nº122, set. 1939.

Em momento final da publicação, ainda são apresentados quatro anteprojetos de casas rurais, inspirados no concurso de habitação rural realizado pelo Banco da Nação Argentina²⁸, através dos avanços industriais obtidos na cidade. Foram contemplados no grupo de anteprojetos realizados pelo grupo, uma série de quatro casas adaptadas a fatores como: a paisagem natural, os materiais locais, os aspectos de alcance da indústria moderna, os aspectos climáticos e os modos de vida das comunidades locais (ver figura 4). Em geral, os estudos estão separados por zonas e subzonas climáticas em que estão implantados, acompanhado de fichas contendo cartas solares e diagramas de fluxo de ventos, além de breves informações que se dão como a base do programa arquitetônico, como a definição do pátio como elemento primordial na subzona temperada norte, por exemplo. Foram realizados quatro estudos, intitulados de *Domus*, trabalhadas em quatro zonas climáticas referentes a cada projeto: zona quente, zona fria, subzona temperada norte e subzona temperada sul.

²⁸ Ver publicação “Concurso de anteproyectos para viviendas rurales del Banco de la Nación Argentina” (NA nº126, jan. 1940, p. 440-449).

PENSAR FORA DO EIXO

Figura 4. Anteproyecto para viviendas rurales: Capa.

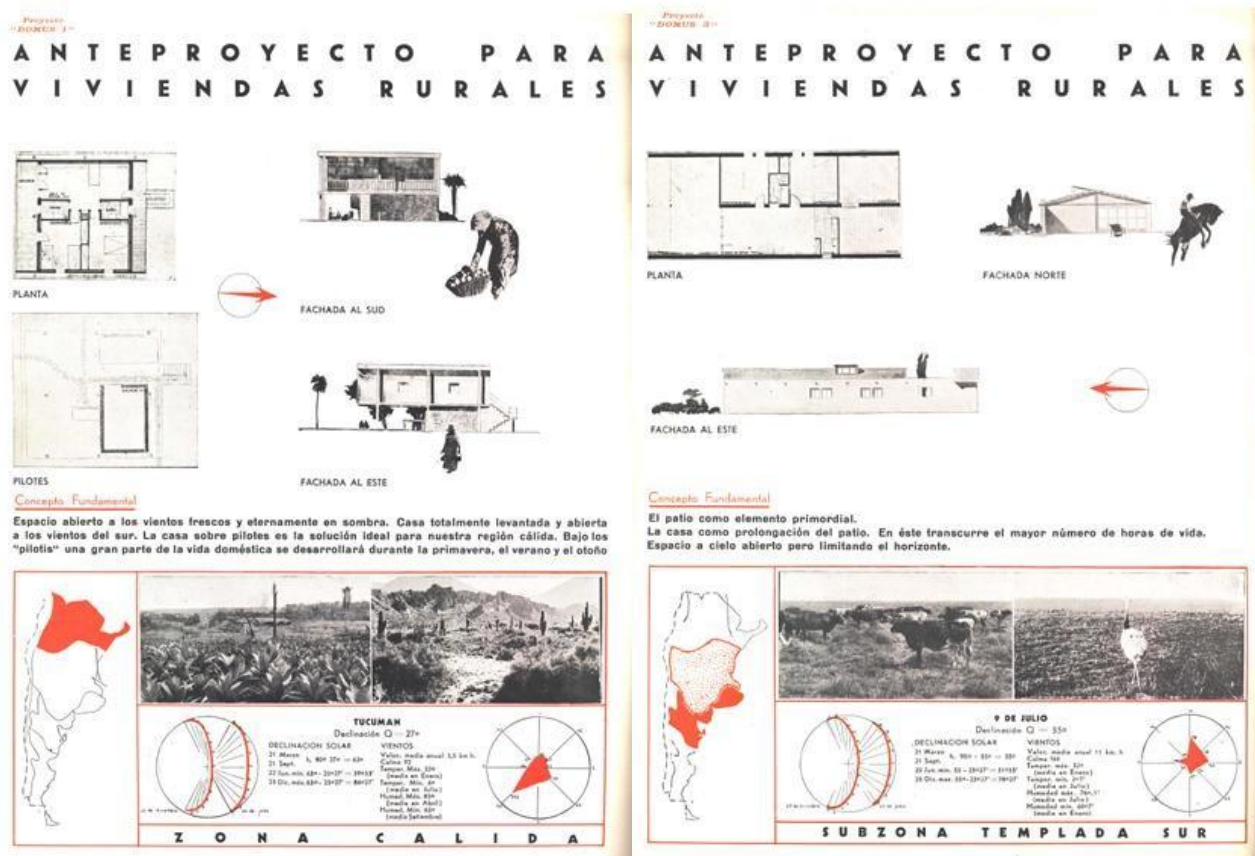


Fonte: Centro de Documentación – Biblioteca “Prof. Arq, Manuel Ignacio Net”. Facultad de Arquitectura, Diseño y Urbanismo. Universidad de Buenos Aires. NA nº122, set. 1939.

Todos os projetos são acompanhados de ao menos uma planta e duas fachadas, sendo, na zona quente, a única em que aparece um desenho aproximado dos pilotis, que integram o programa definido para essa zona (ver figura 5). Cabe notar que, em todos os desenhos de fachada, há um rigor com o aparecimento da vegetação local e colagens contendo escalas humanas muito agregadas ao imaginário da comunidade que integra esse local - como por exemplo na subzona temperada sul, na qual é visível uma imagem de um homem aparentemente camponês, utilizando chapéu de palha e vestes específicas atreladas ao imaginário do “homem gaúcho” do território das pampas (ver figura 6).

Figuras 5 e 6. Anteproyecto para viviendas rurales: Domus 2 e 3.

PENSAR FORA DO EIXO



Fonte: Centro de Documentación – Biblioteca “Prof. Arq, Manuel Ignacio Net”. Facultad de Arquitectura, Diseño y Urbanismo. Universidad de Buenos Aires. NA n°122, set. 1939.

Depreende-se, da emergência dada pela entidade Austral ao tema, a intenção de mobilizar componentes locais e territorialmente singulares através de um pensamento moderno e equipado de ferramentas de planejamento obtidas com o avanço do urbanismo como disciplina a partir das cidades, tal como indica a própria terminologia utilizada pelo grupo: “Urbanismo rural”. A prototipação de casas rurais, além disso, une as possibilidades do avanço industrial sobre o campo, na realização de projetos de habitação para a população campesina, unindo aspectos telúricos de suas paisagens naturais com um modo de produção de moradia muito sofisticado. A intenção, sobretudo, de fomentar o planejamento territorial em escala nacional não induziu, na reflexão estabelecida pelo grupo, um apagamento das identidades que compõem as comunidades locais - crítica usualmente feita aos arquitetos adeptos do movimento moderno. Vê-se então uma potencial interface genealógica com os métodos desenvolvidos pelo CINVA no campo do planejamento territorial e da habitação em anos posteriores de desenvolvimento no século XX.

PENSAR FORA DO EIXO

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O esforço realizado neste trabalho busca inserir a presente pesquisa nos debates estabelecidos pela *Investigación CINVA*, sobretudo no que se refere à interpretação da ação institucional como um projeto latino-americano no qual circularam saberes técnicos e profissionais em ampla rede. Nesse sentido, entende-se que o CINVA possibilitou a constituição de uma rede transnacional de conhecimentos, técnicas e profissionais vinculados aos temas do planejamento territorial e da habitação rural. Mais especificamente, a intenção principal desse trabalho é de oferecer subsídios materiais para a compreensão das genealogias do CINVA a partir de uma das nações, tomando o caso argentino como um dos pontos da vasta rede latino-americana, e o próprio país como *zona de contato* entre o movimento moderno de *tendências universalizantes* e as demandas locais, envolvendo redes intelectuais que articulam os países latino-americanos entre si e também entre a região com um norte global.

Nesse sentido, a análise das recorrências dos temas de planejamento regional e, mais especificamente, da publicação realizada pelo grupo de arquitetos vanguardistas argentinos *Austral*, busca posicionar a revista *NA* nas discussões de planejamento regional, além do destaque que já lhe é conferida no campo da habitação e da arquitetura residencial. A ideia é de que, com o conhecimento desses artigos, seja possível conferir destaque para a atuação da revista na antecipação e cristalização de debates que vão posteriormente se confirmar no campo do planejamento urbano e regional, trazendo à frente a publicação do *Austral* como uma fonte importante para observar a circulação de redes transnacionais de técnicos.

Por fim, cabe destacar que essa é uma reflexão inaugural a partir dos documentos reunidos pela pesquisa, que pretende analisar as interfaces entre campo e cidade em circulação na produção habitacional e no planejamento territorial através do continente latino-americano. Interpretando as produções técnicas e intelectuais nacionais como em relação a processos culturais de maior escala, a investigação está em curso, e aberta a discussões para trabalhos futuros.

REFERÊNCIAS

ABOY, Rosa. Arquitecturas de la vida doméstica. Familia y vivienda en Buenos Aires, 1914- 1960. Dossier: Historia de la familia en la Argentina del Siglo XX, en: **Anuario IEHS**, número 23, 2008 (p. 355- 384).

ARAVECCHIA-BOTAS, Nilce Cristina. **Estado, Arquitetura e Desenvolvimento: A Ação Habitacional do Iapi**. 1.^a ed. São Paulo: Editora Unifesp, 2016 [2011].

PENSAR FORA DO EIXO

ATIQUE, Fernando. **Arquitetando a “Boa Vizinhança”**: arquitetura, cidade e cultura nas relações Brasil-Estados Unidos. 1876-1945. São Paulo, Pontes; 1.ª ed., 2010 [2007].

BALLENT, Anahí. **Las huellas de la política**: Vivienda, ciudad, peronismo en Buenos Aires, 1943-1955. 1ª ed. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes: Prometeo 3010, 2005.

_____. Nuestra Arquitectura (NA). In: LIERNUR, Jorge Francisco; ALIATA, Fernando. **Diccionario de arquitectura en la Argentina**: estilos, obras, biografías, instituciones, ciudades, i-n:201-5. Buenos Aires: Clarín Arquitectura, 2004.

CARVALHO, Beatriz Barsoumian de. **Casa rural e planejamento na américa latina**: o curso do CINVA em Viçosa/MG, 1958. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: https://bdta.abcd.usp.br/directbitstream/470b6c90-b9fe-47f0-8e58-2fc7ac1fc177/TFG_2021_2_Beatriz_Barsoumian.pdf. Acesso em: 24 mar. 2026.

CHOAY, Françoise. **O Urbanismo**: utopias e realidades, uma antologia. Tradução de Dafne Nascimento Rodrigues. 6ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

KOPP, Anatole. “Vejo um terço da nação mal alojada, mal alimentada, mal vestida.” In: KOPP, Anatole. **Quando o moderno não era um estilo e sim uma causa**. São Paulo SP: Nobel, 1990.

FELDMAN, Sarah. Entre o regional e o metropolitano: pensamento urbanístico e metrópole no Brasil na década de 1950. **Revista USP**, São Paulo, Brasil, n. 102, p. 13–22, 2014. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i102p13-22. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revusp/article/view/97624>. Acesso em: 2 abr. 2026.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras; ESPINOZA, José Carlos Huapaya. Olhares cruzados: visões do urbanismo moderno na América do Sul, 1930-1960. In: GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras (Org.). **Urbanismo na América do Sul: circulação de ideias e constituição do campo, 1920-1960**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 13-40.

GONÇALVES, Rafael Soares; BENMERGUI, Leandro. Maria Josephina Rabello Albano: uma assistente social transnacional. **O Social em Questão**, Rio de Janeiro, ano XXV, n. 54, p. 111-136, set./dez. 2022. Disponível em: [Visor Redalyc - Maria Josephina Rabello Albano: uma assistente social transnacional](#). Acesso em: [Acesso em 28, mar., 2026].

HALL, Peter. A Cidade na Região. In: HALL, Peter. **Cidades do Amanhã**: uma história intelectual do planejamento e do projeto urbanos no século XX. Tradução de Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2016. p. 160-203.

LIERNUR, Jorge Francisco. Austral. In: LIERNUR, Jorge Francisco; ALIATA, Fernando. **Diccionario de arquitectura en la Argentina**: estilos, obras, biografías, instituciones, ciudades, in: 201-5. Buenos Aires: Clarín Arquitectura, 2004.

_____; PSICHEPIURCA, P. **La Red Austral**: Obras y Proyectos de Le Corbusier y sus discípulos en la Argentina, 1924-1965. Bernal: UNQ, 2008.

PENSAR FORA DO EIXO

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (org.). **Fontes Históricas**. 3.ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2021 [2005], p. 111-154.

MÁTTAR, Jorge; CUERVO, Luis Mauricio (Eds.). **Planificación para el desarrollo en América Latina y el Caribe**: enfoques, experiencias y perspectivas. Santiago: Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL), n.148, 2017.

MONTOYA, Ana Patricia; ARAVECCHIA-BOTAS, Nilce Cristina; RAMÍREZ Jorge Vicente, et al. **CINVA**: Un proyecto latino-americano 1951-1972. 1.ª ed. Bogotá: Editorial UNAL, 2024, p. 19-40, 178-246.

NOVO, Leonardo Faggion. **Articulações Pan-americanas**: A História Em Pauta Nos Congressos Pan-Americanos De Arquitetos No Entreguerras. Tese de Doutorado, IFCH Unicamp, 2023.

OFFNER, Amy C. **Sorting Out the Mixed Economy**: The Rise and Fall of Welfare and Developmental States in the Americas. Princeton: Princeton University Press, 2019.

PEREIRA, Margareth da Silva. A arquitetura brasileira e o mito: notas sobre um velho jogo entre afirmação-homem e presença-natureza. In: GUERRA, A. (org.). **Textos fundamentais sobre história da arquitetura moderna brasileira – Parte 1**. São Paulo: Romano Guerra, 2010, p. 227-250.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império**: relatos de viagem e transculturação. Tradução de Jézio Hernani Bonfim Gutierrez. Bauru: EDUSC, 1999.

SILVERO, Florencia Amado. El sentido social del chalet californiano. **Cuadernos del Centro de Estudios de Diseño y Comunicación**, n. 164, 11 jul. 2022. Disponível em: <https://dspace.palermo.edu/ojs/index.php/cdc/article/view/7010>. Acesso em: 23 jul. 2025.

_____. Odiando Al Chalet Peronista. Un Recorrido Historiográfico Crítico Sobre El Tipo Californiano En Argentina Post 1955. **Actas IX Congreso de Estudios sobre el Peronismo**, 2025.

UNIVERSIDAD DE BUENOS AIRES. Facultad de Arquitectura, Diseño y Urbanismo. Centro de Documentación - Biblioteca "Prof. Arq. Manuel Ignacio Net". **NUESTRA ARQUITECTURA**. Buenos Aires. 1929 – 1985. Disponível em: <<https://biblioteca.fadu.uba.ar/tiki-index.php?page=NA-HEAD>>. Acesso em: 08 jun. 2025.

WEINSTEIN, Barbara. Pensando a história fora da nação: a historiografia da América Latina e o viés transnacional. **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, São Paulo, n. 14, p. 9-36, jan./jun., 2013. Disponível em: <<https://revista.anphlac.org.br/anphlac/article/view/2331/2063>>. Acesso em: 26 abr. 2025.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras; 3.ª ed. São Paulo: 2011.